

QUALIFICAÇÃO

(A CHANCE PARA CONSEGUIR EMPREGO)

Flávia Filipini
Da equipe do **Correio**

O desemprego no Distrito Federal cresce de forma assustadora desde dezembro. Daquele mês até julho passado, data do último levantamento divulgado pela Secretaria de Trabalho e Renda (Seter) do governo local, o índice do desemprego passou de 19,9% para 23% da população em condições de trabalhar (PEA). Pelos números atuais, existem cerca de 204 mil pessoas atrás de trabalho no DF.

Faltam vagas para empregar toda essa gente. Mas também falta gente com escolaridade ou qualificação profissional suficientes para conseguir uma das muitas atividades. Hoje, quase metade, 45%, dos desempregados da capital do país não tem sequer o Primeiro Grau completo. Muitos são analfabetos. São pessoas que no universo de propostas de emprego se candidatam, na maioria, a trabalhos domésticos ou na construção civil.

"Mas não existem vagas suficientes nessas áreas para tanta procura", lembra o diretor de Informação e Planejamento da Seter, Mário Magalhães. De fato. Em meio a crise financeira generalizada, a classe média —

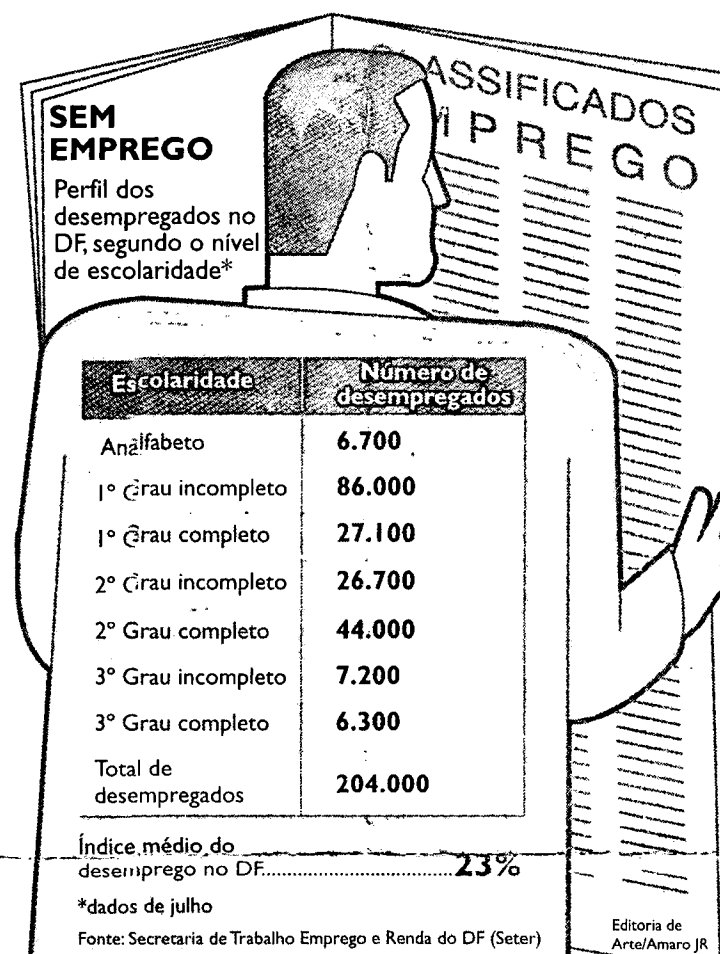
empregadora — está mais dispensando do que contratando cozinheiras, motoristas ou caseiros. Para essas pessoas, então, conseguir emprego está cada vez mais difícil.

Mas o problema não está restrito a essa parcela da população. Das 204 mil pessoas desempregadas, apenas 13,5 mil estão cursando ou terminaram um curso universitário.

ESCOLARIDADE

O número de desempregados com o Segundo Grau completo é quase quatro meses maior: 44 mil pessoas. Mas elas não satisfazem completamente o mercado de trabalho. "Entre esse grupo também falta escolaridade e muita qualificação", observa a psicóloga Leila de Moraes Lino, responsável pela seleção de pessoal do Sindicato do Comércio Varejista do DF (Sindivarejista).

O sindicato seleciona pessoas para trabalhos na área de varejo. A entidade anunciou no último domingo 55 vagas para vendedor interno, supervisor de venda, garçom, auxiliar de cozinha, entre outras. A maioria com exigência do Segundo Grau e experiência anterior. Mais de 500 pessoas apareceram para preencher a ficha de inscrição. Mas essa grande quantidade não ani-



mou a psicóloga. "Temos dificuldade em preencher as vagas. Muitas vezes as pessoas afirmam que têm a escolaridade exigida, mas não sabem escrever uma carta de apresentação ou

fazer uma conta de multiplicar."

Ela conta que também sobram vagas para algumas especializações. Duas vagas de marceneiro com experiência em serras elétricas estão sem candi-

datos há um mês. "Tudo isso mostra como é importante a qualificação profissional. Se as pessoas não tiverem uma especialização ou escolaridade suficientes fica difícil entrar no mercado de trabalho."

Entre as pessoas que tentaram ontem uma das vagas pelo Sindivarejista tem gente sem qualificação alguma. Ângelo Rodrigues da Silva, 35 anos, tem 17 anos de experiência em supermercados, mas sempre como estoquista. "Me inscrevi num curso de informática oferecido pelo GDF, mas ainda não fui chamado", diz Silva, que chegou a Brasília há três meses, vindo do Piauí.

Mas tinha também pessoas com muitos cursos de especialização e ainda sem emprego. Iara Mendes da Silva Lima, 36 anos, tem o Segundo Grau completo, fez o magistério e ensinou por seis anos na Bahia, onde nasceu. No DF há dois anos, ela fez um curso básico de computação e outro de secretária. Ainda não foi suficiente. Hoje, para ajudar na renda familiar, ela ganha cerca de R\$ 60 semanais fazendo bico de manicure e depiladora. "Hoje (ontem) me inscrevi num curso de auxiliar técnico em telecomunicações. Mas parece que quanto mais a gente estuda, mais se exige."